ANO I — N.º 16 — 4 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO 1 ESC.

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

SURGIU UMA NOVA «ESTRÊLA» — LEONOR MAIA, que aparece, pela primeira vez, no Cinema na protagonista da comédia «O Pai Tirano», a estrear no próximo dia 19. É natural de Lourenço Marques, donde veio para a Metrópole propositadamente para trabalhar nesta «Produção António Lopes Ribeiro».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

Vida Mundial Ilustrada

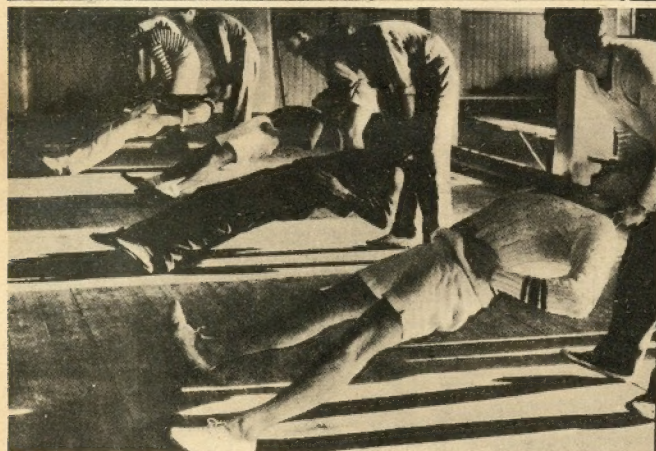
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

Como os pilotos da R. A. F. voltam a voar

UMA VISITA A UM HOSPITAL DA R. A. F., em qualquer ponto da Inglaterra, forneceu estes curiosos documentários. Pelas fotos insertas nesta página se vê como os pilotos da aviação inglêsa voltam a voar, após um acidente, uma queda ou um ferimento em combate. Não se trata de hospitais vulgares. O aviador não é também um soldado igual aos outros. Vive numa tensão nervosa especial, numa vida diferente. Os estabelecimentos onde são tratados e curados e onde fazem a sua convalescença constituem um mixto de casa de saúde e de sanatório, de hospício, e de centro de readaptação à vida. Há novos métodos de cura e novos sistemas de recuperação de fôrças. E, sobretudo, uma grande dose de optimismo e alegria que faz encarar melhor a vida de cada dia...

Vida PORTUGUESA

TRÊS ASPECTOS DA ELEGANTE ASSISTÊNCIA às grandiosas regatas efectuadas num dos últimos domingos em frente da praia de Paço de Arcos.

OS PROFESSORES LICEAIS PORTUGUESES que freqüentaram no Instituto Britânico um curso de «Besreshrot Couts», subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, ofereceram um almôço em honra do director e professores daquele Instituto. Aos brindes, falaram os srs. Drs. Manuel Inácio Anacleto e J. Tavares e o prof. George West.

o caso da semana

Ao fim de dois anos, a guerra europeia transformou-se em conflagração mundial
Desapareceram as principais figuras que dirigiam então a política da Europa

por Carlos Ferrão

No dia 1 de Setembro, completou-se o segundo ano desde que se iniciou o actual conflito. Há, por isso certo interêsse em fazer uma resenha, embora rápida e resumida, dos principais factos ocorridos durante êste período, relativamente largo, de vinte e quatro meses, concretisando a sua origem e definindo as suas conseqüências. A história se encarregará de averiguar oportunamente, quem são os responsáveis da luta fraticida em que a Europa se envolveu. Uma coisa é já hoje evidente, perante a extensão e o potencial da fôrça desencadeada: o pensamento e as intenções que ditaram a atitude dos dirigentes que há dois anos detinham o encargo avassalador do poder, foram ultrapassados pelos acontecimentos. A guerra mudou de feição, os protagonistas da sua eclosão foram, em grande parte, substituidos. Quantos dos homens de Estado que, no outono de 1939, asseguravam a «vedeta» dos grandes jornais e magazines, sucumbiram, quantos se retiraram, quantos aguardam, num silêncio, de reserva ou de julgamento, que a consciência pública pronuncie a sua sentença!

Franceses e inglêses, alemães e italianos, muitos foram os que não resistiram ao pêso da catástrofe.

CHAMBERLAIN

O sr. Campinchi e o sr. Nevile Chamberlain, o general von Fritsch e o marechal Italo Balbo são individualidades que desapareceram na paz do túmulo. O sr. Daladier e o sr. Reynaud, o general Gamelin, o marechal Badoglio e o marechal Graziani viram-se afastados das suas funções que ontem eram predominantes e decisivas. O adjunto do Fuehrer, Rodolf Hess, encontra-se na Grã-Bretanha como prisioneiro de guerra, depois de um vôo aventuroso.

Outros transitaram da oposição para o poder. O general Sikorski, que era um emigrado político perdido na turba multa de Paris, é o chefe do govêrno da Polónia. O sr. Winston Churchill, que o partido conservador afastava sistemáticamente dos logares de direcção, é o Primeiro Ministro da Grã Bretanha e o chefe incontestado dêsse mesmo partido conservador. Os adversários do sistema parlamentar em França governam actualmente, de Vichy, a sua pátria diminuída pela derrota e pela opressão do vencedor. Do centro da Europa, desapareceram vários países independentes (Noruega, Holanda, Belgica, Polónia, Dinamarca, Iugo-Eslávia, Grécia, Países Bálticos) que vivem actualmente em regime de ocupação. Desta guerra, bem pode dizer-se que ela trouxe consigo uma revolução na vida dos povos.

1939

A PARTILHA DA POLÓNIA

(Setembro)

Em 1 de Setembro de 1939, as tropas alemãs entraram na Polónia. A resistência dêste país durou precisamente vinte e sete dias. O motivo imediato do conflito foram a divergência insanavel suscitada entre os governos de Berlim e de Varsóvia a propósito do pôrto de Dantzig e do território conhecido pela designação de corredor polaco.

CAMPINCHI

Na primeira quinzena de setembro, os alemães puderam realizar, com mérito incontestado, a primeira grande experiência da guerra relampago. Como factor essencial da manobra ofensiva, apareceu, pela primeira vez, a colaboração estreita do avião de bombardeamento com o carro pesado. Divisões blindadas e esquadrilhas da arma aerea cooperaram eficazmente para impedir a mobilização do inimigo, contra as vias de comunicação, destruir os seus depósitos de abastecimento e aniquilar os seus efectivos.

Enquanto estes acontecimentos se desenrolavam a leste, a oeste havia apenas uma tentativa de penetração cautelosa das fôrças francesas na região do Sarre, que não conduziu a quelquer resultado positivo.

Em 17 de setembro surgiu um factor novo no xadrês das fôrças que se degladiavam. O exército soviético penetrou no território polaco, em profundidade, e, durante uma duzia de dias, realizou incessantemente marchas que o aproximaram dos combatentes alemães. Esta operação militar correspondia imperiosamente, a um plano político. No espaço de dois seculos a Polónia suportava a quarta partilha realizada entre russos e alemães.

Em 27 de Setembro a derrota do exército polaco era um facto consumado. O Chefe do Estado e o Govêrno da Polónia refugiaram-se na Roménia. O mesmo fêz o marechal Ridz Simigly, em cujas aptidões e capacidade de comando as nações ocidentais haviam depositado as suas melhores esperanças para prolongar a resistência do seu país em termos de lhes permitir uma preparação adequada.

O entendimento germano-soviético apareceu selado por uma realidade concreta. Os plenipotenciários dos dois países, reunidos em Brest Litovsk, assentaram no traçado de uma fronteira entre o Reich e a U. R. S. S.. Um acôrdo comercial, prevendo um largo e proveitoso sistema de trocas, completou o acôrdo militar estabelecido no leste europeu.

O PRIMEIRO INVERNO

(Outubro a Dezembro)

No dia 6 de Outubro, o Reichstag foi solenemente convocado. O Fuehrer fêz uma extensa declaração sôbre o que se passara e rematou o seu discurso com uma proposta de paz. O seu conceito da situação era o seguinte: as duas grandes potencias ocidentais, França e Grã Bretanha, não haviam tido qualquer intervenção activa na campanha da Polónia. Os factos tinham demonstrado, à sociedade, que uma aliança militar entre os franceses e inglêses, dum lado, e os polacos, do outro, não tinha sentido, fora do âmbito dos compromissos diplomáticos que os povos desejam ver honrados sem preguntarem até que ponto essa tarefa é realizável. À França e à Inglaterra restava apenas o recurso de se acomodarem com a situação criada e aceitarem a solução apaziguadora que se lhes oferecia. Não era intenção do Reich aniquilar a nação polaca, mas reduzi-la à suas verdadeiras proporções, tal como as concebiam em Berlim. Em relação a Paris e a Londres, o govêrno alemão não tinha reivindicações concretas a apresentar fora do quadro geral da ordem nova prevista para substituir a ordem de Versailles.

Tanto o sr. Chamberlain como o sr. Daladier, então chefes de Govêrno em Londres e Paris, recusaram o oferecimento alemão em discursos que tiveram certa retumbância.

Assim se pronunciava o inverno de 1939, como de preparação e escuta recíproca, o que permitia aos adversários afinarem e utilizarem, até às últimas conseqüências, os seus instrumentos de propaganda. Foi nessa altura que a U. R. S. S. se encarregou de dar, pela segundo vez, a nota sensacional e inesperada no decurso do conflito.

Depois duma série de negociações, conduzidas em Helsinquia e em Moscovo, as quais terminaram por um malogro total, os russos invadiram o território finlandês e iniciaram, ao longo da fronteira e com particular violência na região da Carélia, uma ofensiva a que as tropas do marechal Mannerheim opuseram resistência obstinada e eficaz. As hostilidades desenrolaram-se, com sorte vária, desde 30 de Novembro de 1939 a 13 de Março de 1940 e pode dizer-se que constituiram o único acontecimento militar digno de registo que ocorreu durante o inverno. A paz foi assinada em Moscovo e consagrou as concessões substanciais que a Finlândia consentiu em favor dos sovietes.

VON FRITSCH

1940

«DRÔLE DE GUERRE»

(Janeiro a Março)

Que preparavam, no fundo, os dois grupos de beligerantes? Um e outro tinham uma confiança ilimitada nos seus recursos e na sua estrêla. Os ingleses mantinham a sua confiança tradicional nos efeitos do bloqueio. Esta convicção alimentou-se de informações, mais ou menos exactas, e da certeza, dada pelos seus agentes diplomáticos e consulares, de que o acôrdo comercial germano-russo não estava a ser, por parte dos sovietes, integralmente executado. No mar, o episódio doloroso do «Royal Oak», afundado no início das hostilidades, aparecia compensado pela destruição do «Graf Spee», nas águas do Atlântico Sul, depois duma perseguição eficaz e duma acção naval brilhante. A Grã Bretanha tinha razões sólidas para confiar na sua esquadra. Em Londres, os trabalhistas recusavam-se a participar no govêrno, sob a direcção de Chamberlain, e esta atitude de abstenção repetia-se no ritmo da produção de guerra. Nos meios diplomáticos e militares, predominava a impressão, largamente desmentida pelos factos, de que a unidade nacional no Reich seria ràpidamente afectada por divergências de ordem interna.

ITALO BALBO

Em Berlim, o Alto Comando e a direcção política concertavam cuidadosamente o seu plano de campanha para a primavera. Os alemães fiavam tudo duma acção militar fulminante a desencadear no ocidente, à imagem e semelhante daquela que lhes dera a vitória espectaculosa da Polónia. As peças da sua imponente máquina ofensiva ajustavam-se febrilmente para que, com o alvorecer da primavera, todos os pormenores se encontrassem completamente realizados. A segurança do Reich, garantida, a leste, permitia-lhe a oeste uma inteira liberdade de movimentos.

Em Paris, o optimismo geral e a confiança no exército mal consentiam que alguns espíritos clarividentes pusessem em relêvo as falhas evidentes que, na ordem política e na ordem militar, o corpo da nação apresentava. O ministro da propaganda do Reich encontrara uma fórmula impressionante para definir a

situação ao dizer que o propósito dos dirigentes alemães era o de deixar apodrecer a guerra. A França mobilizara alguns milhões de homens. Mas ao contrário do que acontecera em 1914, êstes não viviam o clima da luta. Por tôda a parte, soldados e civis repetiam numa síntese de derrotismo: «Drôle de guerre...»

A GUERRA RELÂMPAGO

(Abril a Julho)

Em 9 de abril o mundo assistia ao deflagrar da guerra relâmpago no ocidente. Em Oslo, o general Falkenhorst, que se instalara como turista num hotel da capital norueguesa, deu o sinal de ataque que se estendeu ràpidamente às outras cidades do país. Em Narvik, o general Dietl inutilizou uma tentativa franco-britânica para auxiliar a resistência da Noruega. A invasão dêste país fôra precedida da ocupação pacífica da Dinamarca.

Passado um mês, a guerra acendeu-se na fronteira da Holanda e propagou-se à Bélgica. Holandeses e belgas procuraram, durante alguns dias, resistir à ofensiva alemã. O exército francês penetrou em território belga, considerando o comando que a segurança do país estava assegurada pela linha Maginot. A rotura da frente francesa no Mosa marcou o início da derrota para as tropas que, superiormente comandadas pelos generais Gamelin e Weygand, inferiores em número e em equipamento ao adversário, retiraram sôbre Paris, abandonaram a capital e se mostravam incapazes de resistir à pressão alemã. O conjunto das operações iniciadas com a penetração alemã na Holanda e terminadas com a rendição do exército francês ficou conhecida pela designação genérica de batalha da França. Isto durou um mês e dez dias (10 de maio a 20 de junho).

DALADIER

Em 10 de junho a Itália entrou na guerra ao lado do Reich e as suas tropas, comandadas superiormente pelo marechal Pietro Badoglio, ocuparam a fronteira dos Alpes, não chegando a iniciar operações de envergadura. O govêrno francês, presidido pelo antigo ministro das Finanças Paul Reynaud, foi substituído por um gobinete que, sob a presidência do Marechal Pétain, se formou para negociar um armistício com o vencedor. Êste foi assinado na floresta de Compiègne em 22 de Junho. Os alemães ocuparam dois terços do território da França e impuseram aos vencidos o pagamento dum pesado tributo enquanto durasse a ocupação. Um documento idêntico assinado com a Itália marcou o têrmo das hostilidades franco-italianas. A campanha a oeste estava terminada.

Aproveitando as circunstâcias assim criadas, as tropas russas penetraram, em 28 de junho, no território romeno e ocuparam as províncias da Bessarábia e da Bucovina, incorporadas na Roménia em seguida à Grande Guerra.

MANOBRAS DE OUTONO

(Agôsto a Novembro)

O espectáculo a que o mundo assistiu em seguida à campanha vitoriosa da Polónia voltou a repetir-se depois da vitória alemã sôbre a França. Convocado, de novo, o Reichstag, o chanceler Hitler resumiu os resultados militares obtidos e renovou as suas propostas de paz. Dirigiam-se agora apenas ao adversário do Reich que conseguia manter-se na luta.

Efectivamente, a Grã Bretanha não se mostrava inclinada a abandonar o terreno porque tinha enveredado. Antes do colapso francês, retirara de Dunquerque, cidade que fôra transformada num poderoso campo entrincheirado, a quási totalidade do corpo expedicionário que enviara à Europa. Eram cêrca de trezentos mil homens que conseguiram salvar-se utilisando tôda a espécie de embarcações. Com êles, seguiu a aviação britanica destacada para França. O resto do material, incluindo modernos carros e artelharia pesada, ficou em poder dos alemães.

Preocupado com o destino que eventualmente poderia ser dado à esquadra francesa, o govêrno inglês ordenou em 3 de julho, uma acção enérgica contra os navios fundeados em Mers-el-Kebir. Dessa acção resultou o afundamento ou inutilização, por largo tempo, de diversas unidades.

REYNAUD

Em resposta ao discurso do Fuehrer, o Primeiro Ministro, já então o sr. Winston Churchill, fêz saber que a Grã Bretanha não negociaria com o regime nazi.

Em 8 de agôsto, iniciou-se a batalha da Inglaterra com uma poderosa ofensiva da Luftwaffe contra a capital e as principais cidades britânicas. Essa ofensiva tinha por objectivos essenciais quebrar o moral das populações inglesas e conquistar o espaço aéreo como prelúdio duma invasão cujos preparativos estavam muito adiantados.

Simultâneamente com a ofensiva aérea do Reich contra a metrópole britânica, desencadeou-se em agôsto a ofensiva italiana contra o Egito. A primeira prolongou-se, sem resultado, durante os meses de setembro a novembro. A segunda até meiados de Setembro, coincidiu com a conquista da Somália britânica sem mais conseqüências.

Em Setembro, foi assinado, em Berlim, o pacto tripartido que associava o Japão à política do «eixo». Em 28 de outubro, as tropas italianas penetraram em território grego, estendendo-se aos Balcans o terreno das hostilidades.

1941

EM ÁFRICA E NO MEDITERRÂNEO

(Dezembro a Março)

O inverno de 1940 não foi assinalado na Europa por operações de envergadura. Malograda a tentativa alemã contra a Grã Bretanha e não tendo colhido melhor resultado a ofensiva italiana contra o Egito, a segunda quinzena de novembro e os primeiros dias de dezembro foram assinalados por uma certa acalmia.

Nos Estados Unidos, a reeleição do presidente Roosevelt, proposto pela terceira vêz ao sufrágio popular, marcou a primeira vitória dos intervencionistas. Os dois partidos em luta, democráticos e republicanos, embora preconisando a necessidade de auxiliar a Grã Bretanha, acentuaram que fariam tudo para evitar que os Estados Unidos se vissem directamente envolvidos na contenda.

A campanha da Grécia, ao contrário do que geralmente se esperava, não poude ser liquidada com uma vitória rápida das tropas italianas. Estas foram obrigadas a ceder terreno e o teatro das operações transferiu-se para a Albânia. As vitórias gregas, por seu lado, não conduziram a qualquer decisão.

GAMELIN

Em 9 de dezembro, o exército imperial britânico iniciava, a partir de Sidi-Barrani, a sua réplica à ofensiva malograda do marechal Graziani. Dirigiu-a o general Archibald Wawel. Entre 9 de dezembro e 6 de fevereiro, as tropas do general Wawel, poderosamente equipadas com carros e aviação e constituídas por contigentes especializados de australianos e neo-zelandezes avançaram na Líbia e atingiram o pôrto de Bengasi. O exército expedicionário italiano perdeu a melhor parte das suas fôrças. Ao mesmo tempo, o comando inglês do Próximo Oriente iniciava a ocupação da África Oriental italiana (Eritreia, Somália Italiana, Abissínia).

As hostilidades apareceram desdobradas da Europa para a África e do Mar do Norte para o Mediterrâneo. Em 10 de janeiro, a aviação alemã, partindo das bases que constituiu no sul da Itália, fêz sua aparição no céu mediterrânico. No Reich constituiu-se um corpo expedicionário que, sob o comando do general Rommel, foi transportado para Tripoli a fim de cooperar com as fôrças italianas que tinham escapado às conseqüências da ofensiva britânica. No Atlântico, a campanha contra as rotas marítimas que conduzem à Grã Bretanha intensificou-se.

OS BALCANS EM FÔGO

(Abril e Maio)

A aprovação da lei de empréstimo e arrendamento, em 11 de março, assinalou um progresso sensível no intervencionismo norte-americano. Os Estados Unidos, segundo a expressão do seu presidente, tomaram a iniciativa de transformar os seus recursos industriais no arsenal dos países que se opunham às potências do «eixo». A votação de lei instituindo o serviço militar obrigatório marcou o seu propósito de organizar, ràpidamente, uma poderosa fôrça de combate em terra.

Estes factos levaram os governos de Berlim e Roma a precipitar os acontecimentos no continente. Na impossibilidade de atacar directamente a ilha britânica, os alemães intensificaram a campanha submarina e voltaram, de novo, as suas vistas para a rota vital do Suez. O envio do corpo expedicionário do general Rommel, para o Norte de África foi seguido da reconquista da Líbia. O aparecimento da aviação germânica no Mediterrâneo teve como conseqüência uma sucessão de ataques violentos contra a esquadra britânica baseada em Alexandria. O Egito apareceu, de novo, como objectivo imediato dos exércitos germano-italianos.

BADOGLIO

A campanha do Egito exigia a realização de certas condições prévias. Por isso, em 6 de abril as fôrças combinadas da Alemanha e da Itália iniciaram o ataque decisivo aos países da península balcânica, que mantinham com a Grã Bretanha relações estreitas. Essas nações eram a Iugo-Eslávia e a Grécia. A sua ocupação, depois de uma luta rápida e violenta, foi precedida de uma série de manobras diplomáticas que não puderam evitar o conflito armado. Em 1 de maio, o corpo expedicionário britânico que desembarcara na Grécia era obrigado a abandonar o continente. Em 1 de junho, as tropas inglêsas abandonavam igualmente a ilha de Creta onde se deteve o avanço alemão no Mediterrâneo.

O mês de maio foi assinalado por dois acontecimentos que deviam ter uma repercussão sensível na Grã Bretanha. No dia 10, inesperadamente, o mundo soube que numa parte do território da Escócia descera dum avião, em paraquedas, o logar tenente do Fuehrer, Rodolfo Hess. Até ao fim do mês, os ingleses, combateram no Irak as fôrças que apoiavam o regente Ralhid Ali cujas tendências pró-germânicas constituiam uma ameaça para os seus interêsses naquele país.

A CAMPANHA DA RÚSSIA

(Junho a Setembro)

A ocupação do Irak, depois duma luta porfiada, seguiu-se a ocupação da Síria em que as tropas britânicas e de franceses livres, sob o comando do general Wilson, derrotaram as fôrças fieis ao govêrno de Vichy, comandadas pelo general Dentz. A ocupação da Síria, que melhorou muito a posição britânica no Próximo Oriente, consumou-se com a assinatura dum armistício em 12 de julho.

Em 18 de junho, o Reich assina com a Turquia, depois de laboriosas negociações, um pacto de não agressão. O govêrno de Ankara acentuou que êste instrumento diplomático não invalidava nenhuma das cláusulas do pacto de assistência mútua concluído com a Grã Bretanha em 1939. Nenhuma declaração idêntica foi feita quanto às relações turco-soviéticas reguladas também por um tratado de amizade.

Tal como acontecera com o pacto de 23 de Agôsto de 1939, celebrado entre o Reich e a U. R. S. S. que significava, a breve trecho, a partilha da Polónia entre os dois signatários, o novo pacto germano-turco significava, a prazo mais ou menos curto, a guerra entre a Alemanha e a Rússia. Foi isso que efectivamente aconteceu.

GRAZIANI

Na madrugada de 22 de junho, as tropas alemãs entraram no território soviético iniciando a campanha militar a leste a qual, pela extensão da frente, importância dos contingentes postos em acção e quantidade de material empregado, é a maior registada durante esta guerra. A frente de batalha, que se estende entre o Oceano Ártico e o Mar Negro, calcula-se que tenha 2.400 kms. Segundo os comunicados oficiais alemães, dum e doutro lado, encontraram-se, frente a frente, em mais duma fase da campanha, nove milhões de homens. Os números que, de origem oficial, se referem ao material empregado, falam de dezenas de milhares de aviões, de todos os tipos, de carros de tôdas as dimensões, e de canhões de todos os calibres.

A entrada da U. R. S. S. na guerra levou a Grã Bretanha a assinar com aquele país uma aliança na qual se estabelece que nenhuma das partes pode concluir com o Reich uma paz separada. Em agôsto, realizou-se no Atlântico uma entrevista, que durou alguns dias, entre Roosevelt e o Primeiro Ministro da Grã Bretanha, Winston Churchill, na qual foi elaborada uma declaração comum contendo os oito pontos que afirmam, para a guerra e para a paz, a solidariedade das nações anglo-saxónias.

DA GUERRA EUROPEIA À CONFLAGRAÇÃO MUNDIAL

Ao fim de dois anos, as características da guerra, iniciada em 1 de setembro de 1939, aparecem completamente alteradas. A sua face primitiva está irreconhecível. Da luta entre a Alemanha e a Polónia, resultou o alargamento das hostilidades a novos e inesperados campos. Primeiro a França e a Inglaterra viram-se envolvidas na contenda. O mesmo aconteceu, depois, a outros países da Europa, de tal maneira que a maior parte do continente europeu se encontra actualmente ocupada pelos exércitos do Reich.

Do continente europeu, a guerra contagiou a África—onde, na Líbia, na Tripolitania e no Egito os adversários se têm defrontado, ao mesmo tempo que as medidas de precaução na África do Norte francesa e a luta entre partidários do general De Gaulle e elementos fieis ao govêrno de Vichy estendem o alarme até às regiões equatoriais. Com a África, a Ásia aparece, ao fim de dois anos, igualmente contagiada pelas

(Continua na pág. 16)

DOMINGOS Lisboetas a 33 graus á sombra

NÉSTES DOMINGOS DE CALOR, não há quem se contente com as sombras de Lisboa ou a sesta dormida em casa — à fresquinha. Tôda a gente sente o desejo de se evadir, de esquecer as ruas por onde passa todos os dias, os almoços e jantares de fugida, em casa, os mesmos panoramas e as mesmas pessoas, que nos acostumamos a ver às mesmas horas, nas mesmas esquinas. Sai-se, então, da capital para a praia ou para o campo — e é um dia cheio, quanto mais não seja, de sol e de cansaço... Os combóios apinham-se duma multidão ávida de sensações novas. A estação do Cais do Sodré e a ponte da Parceria dos Vapores Lisbonenses têm grande movimento.

A PRAIA é o sítio mais apetecido. Há quem vá para nadar, quem vá para molhar os pés fora de casa e quem vá só para ver. Adquirem as planícies de areia, nos domingos, uma vida bulicosa e alegre, para a qual concorrem, em grande escala, os gritos de satisfação dos pequeninos que encontram ali campo vasto para as suas diabruras, longe da vista dos papás, que andam a chapinhar na água ou se ficam a dormir, deitados de costas no chão — sonhando, talvez, que terminaram, de momento, as agruras da vida...

OS COMBÓIOS vão atulhados. E as malas vão repletas de farnéis que se hão-de comer longe de casa.

AS CAMIONETAS têm também grande procura. E há que fazer desdobramentos para que nelas caiba tôda a gente.

MAS OS CAFÉS não deixam de se encher. É que, aqui para nós, ainda não há melhor sítio para se passar estes domingos — quando o dinheiro não abunda.

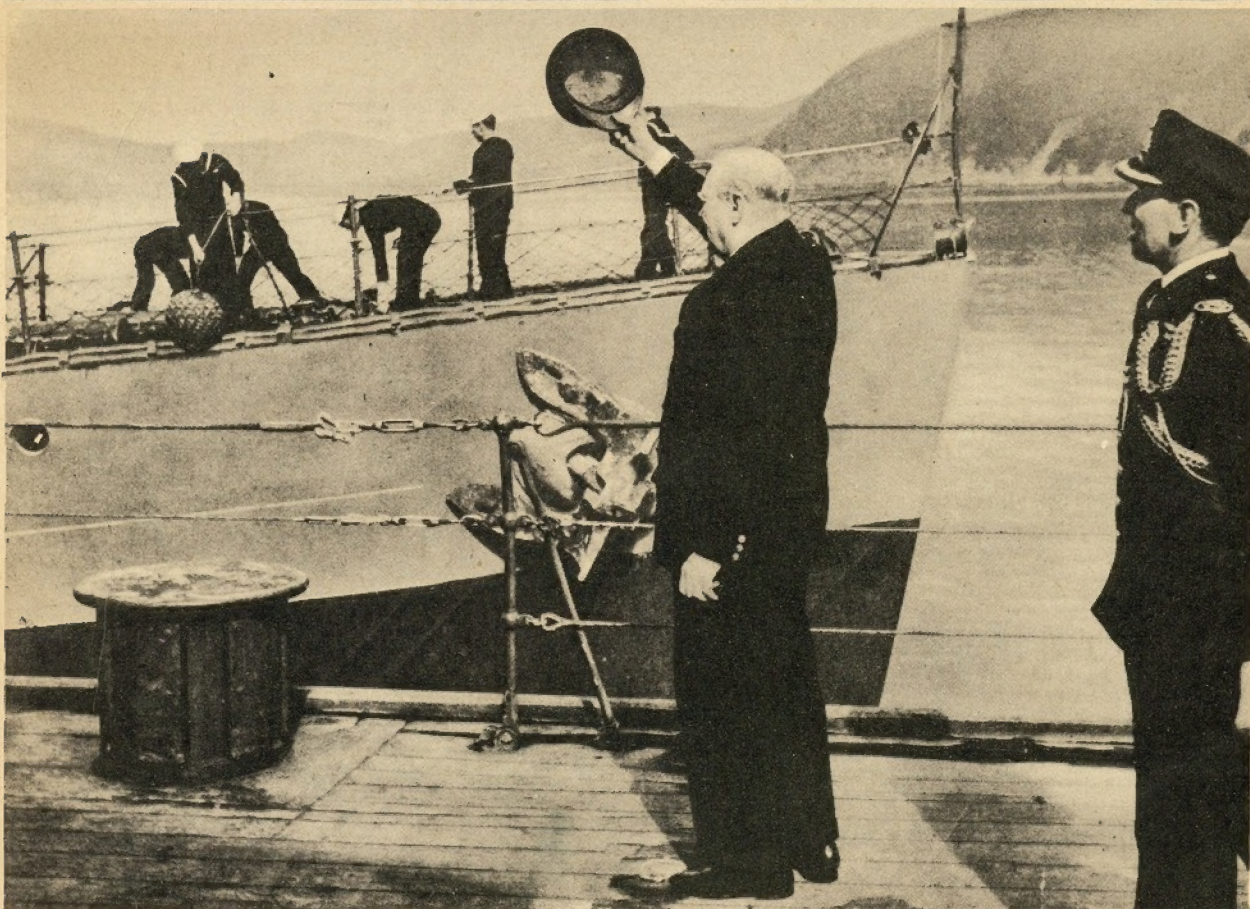
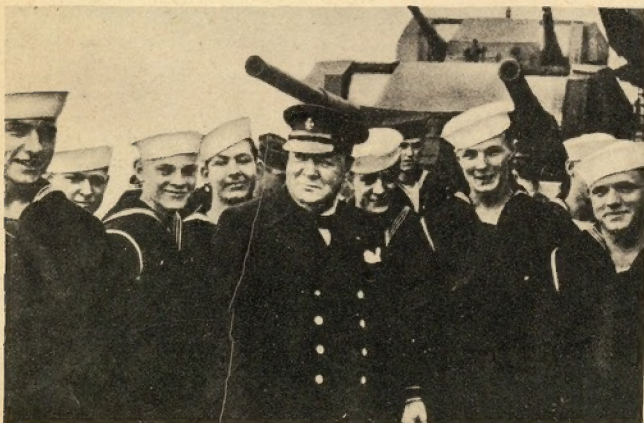
(Fotos feitas com películas «Ferrânia»

OS CAMPEONATOS DE TENNIS DA CURIA DISPUTADOS RECENTEMENTE constituiram um dos mais entusiásticos números do programa desportivo da época naquela formosa estância. A foto mostra-nos um grupo de tenistas no «dancing» da elegante piscina-praia, após a festa da distribuição dos prémios.

OS FINALISTAS DO CAMPEONATO DE TENNIS DA CURIA, em pares mixtos. Da esquerda para a direita: Boter, Mary Motta, Madame Cabral e Sivic. Venceram os dois primeiros que conquistaram, assim, o título de campeões.

NOS «COURTS» DO CURIA PALACE SPORTS CLUB — Alguns dos desportistas que estão a veranear na Curia e que tomaram parte nos campeonatos de tennis de Portugal e daquela estância, fotografados antes do começo das provas.

A ENTREVISTA do Atlântico

VÁRIOS ASPECTOS DA CONFERÊNCIA ENTRE ROOSEVELT E CHURCHILL. À esquerda: O Primeiro Ministro inglês acariciando o «Blackie», mascote do «Príncipe de Gales»; e o Presidente e Churchill numa das suas conversações. Em baixo: Churchill, com o seu uniforme de marinheiro, entre os marinheiros americanos; e, com Summer Welles, a bordo do «Augusta». Ao fundo: À despedida, a última saüdação a Roosevelt.

Panorama Internacional

As glosas e os avisos de Winston Churchill

por Francisco Velloso

DOIS acontecimentos absorveram na última oitava as atenções mundiais: — o discurso de Churchill e a invasão do Irão ou Pérsia, como portuguêsmente lhe devemos antes chamar na tradição áurea dos cronistas e do glorioso título da corôa dos nossos reis que durante três dinastias com o povo criaram e guardaram a Pátria em todo o Mundo conhecido.

Ignora-se e não pode avaliar-se a extensão dêsses dois sucessos nem tão pouco dizer-se se êles constituem vanguarda de abertura de outros que latem na próxima nova fase desta imensa convulsão.

Mas é lícito alinharmo-los entre os que, neste momento, trazem em si mesmos um significado não só do rumo que a política internacional toma em decisiva viragem, mas também do próprio impulso que move a acção ofensiva diplomático-militar do gigantesco bloco das potências aliadas.

ANUNCIAÇÃO DE ESPERANÇAS

NOMURA

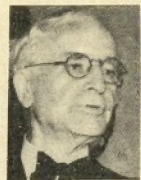
Ao discurso de Winston Churchill radiodifundido na noite de 24, melhor se chamará comentário oficial da declaração anglo-americana firmada no *Potomac*, à qual o primeiro ministro inglês acaba de dar o baptismo duma designação histórica: — a *Mensagem do Atlântico*. Nesse seu carácter reside a razão da importância das afirmações de Churchill. De facto, como dissemos, naquela declaração o que vale é, por detrás dos princípios enunciados — arma de poderoso alcance psicológico sôbre a opinião mundial — o conteúdo de um plano político estabelecido. E foi êste, além do que já analisámos sôbre os problemas em debate nos diversos teatros actuais e possíveis da guerra, o valor da oração do grande estadista britânico.

Desde que a guerra foi suportada exclusivamente pela Inglaterra e pelo Império, a ideação do bloco dos países que falam inglês como núcleo intercontinental da hostilidade à Alemanha, senhora do continente europeu (e o número ínfimo de Estados ainda livres não altera nem desfalca a efectivação de tal domínio) foi posta como condição *sine qua* da resistência a Hitler vitorioso. Ano e meio demorou, a poder de esforços e demonstrações da vontade pertinaz da Inglaterra e de Roosevelt, a elaboração de factores que permitiram, ao perfazer dois anos de guerra, a soldagem e formação daquela que Churchill denomina *Comunidade Anglo-Americana*, pactuada no Atlântico.

Com jubilosa razão a celebrou Churchill em verdadeiros raptos da sua conclamatória e tão característica eloqüência, ao anunciar aos povos ocupados as esperanças ou liberdades que, ainda através de muitos sofrimentos, agora parecem renascer mais vivas no espírito e na alma dos chefes e condutores da Grã-Bretanha.

Eis a trave central do seu discurso.

Naturalmente, prenderam-se a ela outras referências aos sectores mais importantes da guerra, e importa havê-las em conta, até nas suas entrelinhas, porque as palavras de Churchill nunca devem ser lidas de fugida, senão com ponderado exame, fora das zonas escorregadias das polémicas.

BAMBÚ AO VENTO

CORDELL HULL

A primeira destas referências a sublinhar, foi feita ao Japão nos termos seguintes: «Há cinco longos anos a facção militar japonesa atacou e assolou a China com os seus 500.000.000 de habitantes. Os japoneses com os seus movimentos ameaçam o Sião e Singapura — ligação britânica com a Austrália — e ameaçam também as Filipinas. Isto tem de acabar. Todos os esforços serão feitos para conseguir uma liquidação pacífica.» E referindo-se às negociações entre os Estados-Unidos e o Japão, Churchill pôs o dilema: — *«Os Estados Unidos estão trabalhando com infinita paciência para chegar a um ajustamento equitativo e amigável, que darão ao Japão a garantia absoluta do respeito pelos seus interêsses legítimos. Esperamos ardentemente que essas negociações sejam coroadas de êxito. Se essas esperanças se malograrem, enfileiraremos imediatamente e sem hesitações ao lado dos Estados Unidos».*

Com efeito, quando de todos os lados acorriam notícias de que a tensão de relações entre Washington-Londres e Tóquio entrara em alta febre, o embaixador Nomura procurava no dia 24 na capital norte-americana o secretário dos Negócios Estrangeiros, Cordel Hull, para uma conferência, cujos resultados foram imediato alvo dos representantes da Imprensa. À saída, o embaixador, cujas orientações moderadas e conciliadoras são conhecidas, confessou que se travara franca discussão geral e que «o fosso entre o Japão e os Estados Unidos deve ser aplanado», mas que a nenhum acôrdo se chegara. Os meios políticos em Nova Iorque não confiavam demais no bom êxito desta diligência. No entanto, é de notar que já antes disto, o arranjo, ao que parecia, encontrado, para fazer descarregar os navios portadores de matérias primas para a Rússia não em Vladivostok mas em outro pôrto siberiano mais ao norte (e que foi há dias objecto duma troca de avisos entre o embaixador nipónico em Moscovo e Molotov), levava a crer numa tendência japonesa para evitar a guerra — guerra necessàriamente difícil que deveria ser mantida na Manchúria, na China e contra Singapura através da Indochina e do território siamês.

Não obstante os afãs militares, estes factos condizem na crise interna do Japão, ao mesmo tempo política e económica. Na verdade, o bloqueio já atingiu pontos vitais da resistência nipónica. No dia 22 de Agôsto o jornal conservador *Asshi-Shinbun* aconselhava o govêrno a rever todos os planos do abastecimento de matérias primas prevendo o encerramento de muitas fábricas por falta delas. O comércio exportador não vê saídas para êste bêco. Daqui uma forte divisão nas opiniões dominantes, agravando a que afasta as correntes políticas. Esta divsão abre-se não só a respeito dos riscos que inevitàvelmente aumentarão com a crise do aprovisionamento industrial, como ainda entre o exército e a marinha que dissidem àcêrca da orientação a dar a operações: se para o norte contra a Rússia, se para o sul contra o Sião, onde aliás em Bancoque o ministro dos Negócios Estrangeiros, Vatakan, preguntava a Tóquio no dia 24, reforçado pela imprensa do país, que por lá se entende ser a famosa *Nova Ordem* nipónica no Extremo Oriente, interrogação a que talvez Chang-Kai-Chek possa dar cabal resposta.

Em meio de tantos choques de interêsses, é certo que o partido militar japonês ameaça assaltar o poder e desencadear a guerra se Konoye não lhe obedecer. Tóquio oscila como bambú ao vento. A bissetriz salvadora dêste conflituoso ângulo está, pois, nas habilidosas mãos do embaixador Nomura, mais em contacto com os fornecedores norte-americanos e inglêses da indústria japonesa. E é claro que Washington e Londres, que sabem onde carregam, prevalecem-se destas vantajosas vacilações de Tóquio, onde também são assás conhecidas, sob os pontos de vista económicos e políticos, as onze varas da camisa do Pacífico.

TOQUES DE AVISO

CUNNINGHAN

Outra referência de Churchill merece registo: — aquela em que êle adverte, exactamente no quadro geral do cêrco do continente europeu, os países que se encontram em primeira numeração para as avançadas alemãs: «Austríacos, checos, polacos, noruegueses, dinamarqueses, belgas, holandeses, gregos, croatas e sérvios, e sobretudo a grande nação francesa foram atordoados e algemados — disse o primeiro ministro inglês. A Itália, a Hungria, a Roménia e a Bulgária conseguiram um alívio, tornando-se os seus aliados. Mas a sua verdadeira situação e muito diferente é quási indistinguível da das suas vítimas. *A Suécia, a Espanha e a Turquia estão aterradas, à espera de qual será a primeira a ser derrubada.»*

Repare-se em que, como já escrevemos, a Turquia e a Espanha estão nas linhas das surtidas político-militares que, congelada a Rússia pelo próximo inverno, se rasgam como recursos inevitáveis ao Reich por todo o outono. O recente assalto de submarinos e navios de guerra de superfície alemãis a um combóio de 25 unidades inglêsas, destinado a Gibraltar, — das quais escaparam dezóito — efectuado perto de Cádiz, não dá razão sòmente às congratulações do Primeiro Lord do Almirantado, Alexander, por o Atlântico Norte ter sido bastante limpo de ataques submarinos, como aliás se demonstra na surpreendente diminuïção da tonelagem afundada, mas mostra à evidência para que regiões derivam os objectivos alemãis. A retirada de famílias inglêsas do Marrocos espanhol e a atitude francesa confirmam-no.

Depois das francas declarações de De Brinon contra os Estados Unidos, e das conferências de Darlan em Paris, parece que o actual govêrno pendeu definitivamente para o lado da Alemanha, correndo à sorte das suas armas. O apêlo de Churchill à esperança dos «valentes franceses», conjugado à vasta operação de polícia que, depois dos grandes actos de sabotagem ferroviária ao sul de Paris, encerrou os deputados e senadores em Mont Doré, e efectua prisões em massa e conjugado

(Conclue na pág. 12)

O regresso da SAGRES

DEPOIS DE UM MÊS DE VIAGEM, regressou da Madeira e dos Açores o navio-escola «Sagres» em que 37 filiados da «Mocidade Portuguesa» realizaram o seu primeiro cruzeiro atlântico. Em cima, vemos dois aspectos da chegada e um grupo de rapazes com os oficiais de bordo. À direita: o sr. major Frederico Vilar entregando as insígnias de marinheiro aos recemchegados.

PORTUGAL Brasil

A EMBAIXADA ESPECIAL PORTUGUESA, que foi ao Brasil em missão muito honrosa e de alto significado, regressou há dias, a bordo do «Serpa Pinto». À esquerda — a chegada do barco ao cais; em baixo — os membros da Embaixada com as individualidades que lhes apresentaram cumprimentos.

Em cima, à esquerda — O sr. dr. Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, conversando com o sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Embaixada. Em cima, à direita — O Chefe do Estado brasileiro, dr. Getúlio Vargas, lendo o seu discurso na recepção à Embaixada portuguesa. Em baixo, à direita — O sr. António Ferro recebido solenemente no Touring Clube. Na foto, vêem-se, entre outras personalidades, o embaixador no Brasil, sr. dr. Martinho Nobre de Melo, os srs. Júlio Caiola, G. Pereira de Carvalho, etc.

PANORAMA INTERNACIONAL

AS GLOSAS E OS AVISOS DE WINSTON CHURCHILL

(Continuação da página nove) *Por Francisco Velloso*

ainda ao apoio dos combóios de abastecimento italo-alemãis em águas francesas norte-africanas, fàcilmente verificáveis pela localização dos ataques da R. A. F. nessas paragens — trazem manifestamente, não só um desafio ao almirante Cunninghan, mas uma estranha iluminação côr de fôgo em braza à zona do Mediterrâneo Ocidental e à que vai ameaçar com submarinos e navios de superfície as rotas dos combóios norte-americanos que circumnavegam ao longo da América do Sul pelo Cabo até ao Indico, sobretudo numa linha que desce do Estreito até Dakar. E eis outro aspecto das glosas de Churchill.

ANTES QUE BERLIM...

RAEDER

A parte que nesta mesma referência cabe à Turquia, teve, horas depois de proferido o discurso, uma confirmação retumbante: — as fôrças anglo-russas invadiam a Pérsia na manhã de 25 de Agôsto. No dia 26, a Imprensa de todo o Mundo publicou o que eufemìsticamente se intitulou explicações anglo-russas, mas elas são supérfluas diante da realidade das coisas. Dentro dos mesmos princípios do direito público internacional que Berlim invocou para invadir a Holanda e a Bélgica imputando-lhes conivências com a Inglaterra e alegando que a todo o momento favorável, esta última poderia vir combater a Alemanha nas suas fronteiras, procedem agora Londres e Moscovo a quem de facto 1.500 alemães ocupando postos dirigentes nos serviços públicos de comunicações e indústrias da Pérsia e influindo poderosamente na política do país não pode senão enfermar jurìdica e polìticamente a neutralidade mais ou menos facial do govêrno do rei Palavi. Também a quando do golpe de Dentz, a Inglaterra declarou que, com alemães ou sem alemães, a Síria tinha de ser ocupada porque era e é essencial ao Império. Agora os russos e inglêses que tão rivais foram na Pérsia, unem-se contra o inimigo comum para defender o petróleo da *Anglo-Iranian*, para garantirem desde o Indico e pelo Caucaso o abastecimento militar da Rússia pelos Estados Unidos e pelo Império Britânico, e (cá está o valor da referência de Churchill à Turquia) para evitarem que o turco seja ameaçado do Sul nas costas do Mar Negro, quando as fôrças de von Runstedt atingissem o rio Don e pudessem aparecer a ameaçar as bacias petrolíferas caucásicas. Era evidente. Tal como na ocupação da Islândia, feita pelos Estados Unidos cêrca de dez dias antes do almirante alemão Raeder a fazer, apoiado desde as bases da Noruega, êste acto anglo-russo da Pérsia é um caso de antecipação no momento oportuno (andar depressa e a tempo é meia vitória) que salva aquela via de comunicação para o abastecimento da Rússia, mas que fornece também à Turquia uma posição sólida, por que ela deixa de ter o inimigo ao Sul, que é como quem diz à retaguarda para poder juntar tôdas as suas fôrças na sua fronteira com a Bulgária e com o território grego ocupado — donde espera, e com razão, um dia, o cartão de visita de von List — o qual com tôda a certeza não foi assumir o comando do exército alemão na que em Berlim se denomina zona do Mediterrâneo, a-fim-de admirar o azul do Bósforo ou a ponte de Galata...

NO «FOREIGN OFFICE», foi assinado o tratado russo-polaco. Na foto, vêem-se Churchill, Eden, o general Sikorski e o embaixador Maisky.

A campanha da RÚSSIA

AS RUAS DE SMOLENSKO, cidade em poder dos alemães, encontram-se pejadas de veículos e com os prédios quási totalmente arrasados.

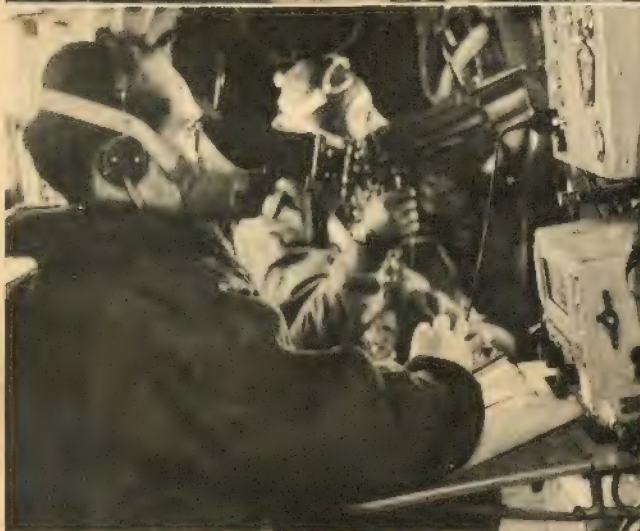
O PÔRTO DA CIDADE DE TALLIN, conquistada pelas tropas do Reich.

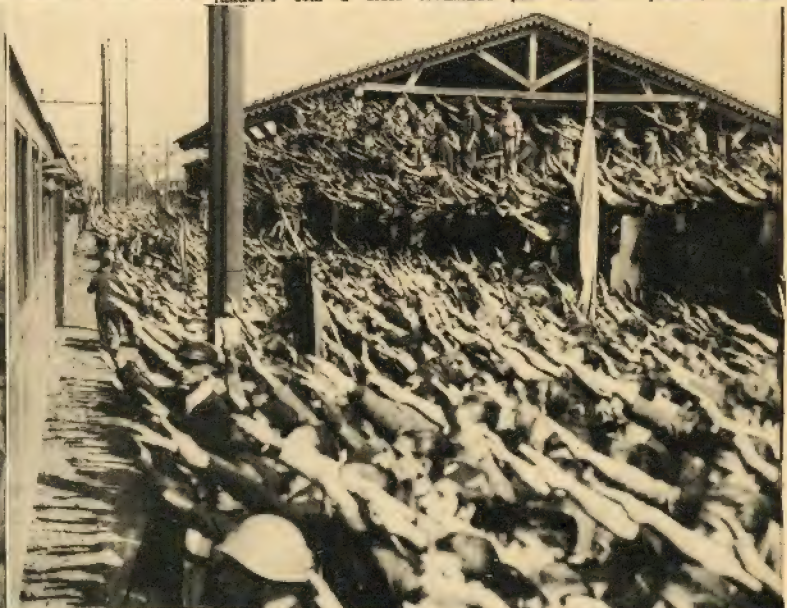
CAMPONESES russos transportando material de guerra.

UMA PEÇA ANTI-«TANK» ALEMÃ, em acção na frente da Ucrania, defende uma posição das tropas germânicas dum eventual ataque de carros.

OS GENERAIS KESSERING E LOERZER que comandam os ataques da aviação alemã contra a arma aérea soviética, ao longo de tôda a frente oriental.

A ITÁLIA na Guerra

NA FRENTE DE TOBRUK, onde a resistência inglêsa se prolonga, uma peça anti-«tank» italiana repele um contra-ataque de carros das fôrças britânicas.

OS METRALHADORES DA AVIAÇÃO têm uma tarefa árdua e difícil. A foto mostra-nos alguns dêstes soldados italianos em acção dentro da sua cabine.

UMA PEÇA ANTI-TANK faz fogo no deserto. O fumo da descarga confunde-se com a areia levantada pelo vento na planície africana.

CONDECORAÇÃO DE SOLDADOS ITALIANOS que mais se distinguiram na campanha da África do Norte. A cerimónia efectua-se em plena «frente» de combate.

À PASSAGEM DO COMBÓIO que conduzia o féretro de Bruno Mussolini, morto num acidente, os «camisas negras» saüdaram o seu companheiro morto pela Pátria e ao serviço da aviação.

MULHERES ao serviço da R.A.F.

AS MULHERES INGLÊSAS DÃO GRANDE CONTINGENTE para os serviços auxiliares da R. A. F., onde desempenham várias missões, desde os lugares da pilotagem, até aos cargos mais obscuros. Nesta página, damos alguns aspectos da actividade feminina na aviação inglêsa. À esquerda: Um grupo de raparigas dos serviços motorizados da R. A. F. que conduzem carros de abastecimento de aviões no Próximo Oriente. Ao fundo: À esquerda — Miss Joan Hughes, uma aviadora das fôrças aéreas britânicas; à direita — Miss Bronwen Williams, outra aviadora, inspeccionando os comandos dum novo bombardeiro inglês.

A RESTRIÇÃO DO CONSUMO DE GASOLINA e a proibição de circulação, em determinados dias da semana, dos carros particulares, culação, em determinados dias, dos carros particulares, criou nova fisionomia à cidade. As bombas estão fechadas a cadeado...

UMA GARAGEM DE LISBOA, ao domingo, pejada de veículos de turismo.

A RUA DO OURO, numa quinta-feira, às 5 horas da tarde, sem trânsito.

DOIS ANOS DE LUTA

Por Carlos Ferrão

(Continuação da página cinco)

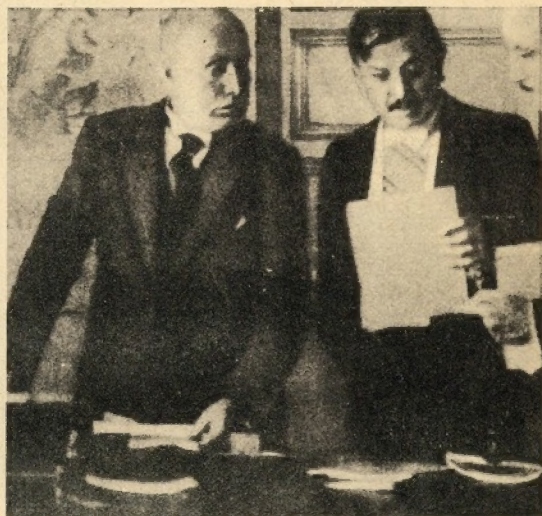
necesidades dos combatentes. No Próximo Oriente, o Irak e a Líbia, já experimentados, parecem constituir, com o Irão, o prefácio de novas emprêsas que se estenderão até à fronteira da Índia.

HESS

O entendimento anglo-americano, e o auxílio prestado pela Armada e pela Aviação dos Estados Unidos para dominar a ameaça alemã às rotas britânicas no Atlântico é a condição prévia da intervenção norte-americana. Contingentes dêste país ocuparam a Islândia, enquanto os seus barcos vigiam as águas onde a presença de submarinos do «eixo» criou a iminência dum encontro cujas conseqüências é fácil avaliar.

O pacto tripartido associou, por outro lado, o Japão ao destino das potências europeias do «eixo». Apesar da assinatura dum pacto de não agressão nipo-soviético em abril dêste ano, os japoneses, depois duma crise ministerial que deu de novo o poder ao príncipe Konoye, tomaram uma atitude decidida no Extremo Oriente onde defrontam a coligação chamada de A B C D (América, Grã Bretanha, China, Índias Holandesas) e a possibilidade dum conflito com os sovietes na Sibéria. Para ocidente e para oriente, com uma zona de convergência no Pacífico, o âmbito das hostilidades alargou-se a outros continentes e a outros mares, espraiando-se da Europa, pela Ásia, pela África, pela América, pela Oceania. Ao fim de dois anos, pode dizer-se, com propriedade, que a guerra europeia se transformou na segunda conflagração mundial.

Uma figura da actualidade internacional
PIERRE LAVAL

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA POLÍTICA DE PIERRE LAVAL, que há dias foi vítima dum atentado em Versalhes. Em cima: Laval, presidente do Conselho de Ministros da França em 1931, passeia de automóvel com o Presidente Doumer. À esquerda: Laval, ministro dos Negóciso Estrangeiros, assina, em Maio de 1935, o pacto franco-soviético negociado pelo seu antecessor Barthou. Em baixo, à esquerda: Laval, ministro dos Negócios Estrangeiros em Dezembro de 1934, é o primeiro ministro francês que visita a Alemanha, depois da guerra; nesse momento, assina um tratado comercial entre os dois países. Em baixo, à direita: Laval vai à Itália em Janeiro de 1935 e assina um pacto com Mussolini que era o prelúdio dum eventual tratado de amizade

Cheque sem cobertura

por Alice Ogando

SENTADO à secretária, a carta que acabava de receber aberta diante de si, essa fantástica carta mil vezes incompreensível, o banqueiro Manuel Maria da Silva desviou enfim os olhos do odioso papel e pousou-os, cheios de uma indefinível expressão de espanto, num estojo longo, de veludo carmezim, que, num gesto brusco, momentos antes tinha atirado para o lado. Pegou-lhe, abriu-o e o colar, o famoso colar de pérolas, surgiu. Tirou-o cautelosamente do estojo onde repousava, sorriso delicioso no rubro de setim que lhe servia de leito, qual fieira maravilhosa de brancos dentes em fresca boca, e fechou na mão essas pérolas que lhe tinham custado, pouco antes, uma fortuna, e se destinavam a cingir o delgado pescoço de Rosa Maria.

Aquele contacto causou-lhe uma singular sensação de prazer; agradava-lhe rolar entre os dedos grosseiros, as pérolas macias. Compreendeu, de súbito, até que ponto a volúpia das pérolas deve fazer estremecer um colo de mulher!

Por um segundo, imaginou a sua, essa linda Rosa Maria, ostentando a preciosa joia, e sentiu-se orgulhoso. Daquilo, nem todos se podiam gabar. Êle, graças a Deus, podia e não era mesquinho! Depois, a mulher era bonita, ficava-lhe bem, tão bem como a roseta vermelha que ostentava na lapela, tão bem como o seu sumptuoso automóvel...

Naquele momento, esqueceu quási por completo a carta, como se as pérolas tivessem o fantástico condão de arredar fantasmas, e pôs-se a comparar a sua vida passada com a presente. Um sorriso de orgulho fêz-lhe entreabrir os lábios: vencera, sim, vencera na vida, ou, o que era mais, vencera a própria vida! Fôra rude a batalha, mas atingira o seu fim. Viera de muito baixo, de simples marçano, pés afeitos ao tamanco, mas galgara os píncaros e pairava agora onde pairam as águias.

Rosa Maria, delicada flor de estufa, branca como um lírio, loura como espiga que o sol amadureceu, fôra atirada para os seus braços por um pai arruinado: casaram. Ela deu-lhe a sua graça, a sua pureza, êle deu-lhe muito dinheiro: sentia que pagara. Que mais queria aquela idiota? Que mais?

Num repelão, ao acudir-lhe êste pensamento, largou as pérolas com nojo, com desdém. É que os seus olhos, no momento em que êle regressava do seu passeio através do passado, voltaram a pousar na carta, nesse miserável papel onde a tia Angélica — a tia de sua mulher — lhe dava parte dessa loucura sem razão, sem finalidade, dêsse facto tão incompreensível que não podia ainda aceitar como verdadeiro. Sua mulher que lhe disse ter ido passar uns dias à Beira, a casa de sua tia, estivera lá sim, mas de passagem, para lhe fazer esta estranha confidência: ia fugir com Cesar de Sá, um mísero romancista sem fortuna. O Cesar de Sá! O espantoso não era, na realidade, que a mulher lhe fugisse — elas são capazes de tudo — afirmam os cínicos profissionais e êle gostava de o repetir, para se dar ares, com o propósito de mostrar que conhecia o «artigo». O que o espantava é que fôsse justamente fugir com um tipo que não tinha onde caír morto.

Amarfanhou a carta na mão crispada e só então sentiu que uma dorzinha estranha, assim como uma alfinetada, lhe penetrava o coração. Uma grande lassidão começou a invadi-lo. Quis reagir. Levantou-se, e pôs-se a passear no escritório, sôbre a alcatifa cara que lhe amortecia o ruído dos passos. Não, aquilo não podia ser, a tia Angélica ouvira mal com certeza. Era lá possível que uma rapariga que fôra menina para os seus braços esquecesse todo o luxo que lhe devia para correr uma banal aventura, com um pelintra incapaz de a fazer feliz!

E êle não a maçava muito, que diabo. a não ser na sua vida de sociedade, tinha dias em que só a via às refeições. A mulher para êle era, além dum luxo caro, uma certeza em que gostava de repousar. Tinha-a, era sua, tal como o seu carro — e muitas vezes por causa da maldita barriga andava a pé.

Um súbito ardor nos olhos fê-lo compreender que o emocionava um tanto pensar que nunca mais a veria, àquela flor preciosa que colhera dum canteiro pobre e transplantara para um jardim maravilhoso.

Fazia-lhe falta sim, porque não havia de o confessar? Depois, um homem de negócios deve ter sempre a seu lado uma bela mulher, e, podendo ser, muito mais nova; é um cartaz, um elemento de triunfo, enfeita um salão, decora uma mesa de banquete.

Agarrou-se à insensata esperança de que a tia Angélica tivesse enlouquecido. Era impossível que Rosa Maria o deixasse sem uma palavra, atirando-lhe assim o silêncio, num gesto de desprêzo. Êle não era ciumento, nunca o fôra, mas aquela carta que tanto espicaçou a sua vaidade, seria capaz ainda de o fazer sofrer, se êle verificasse que se dava ao luxo de ter coração.

Num movimento de ira mordeu o charuto que logo atirou fora. Tudo aquilo era ridículo! Que iria dizer esta Lisboa bisbilhoteira e mandriona? Horrores!

Invadia-o agora um grande desprêzo por aquele miserável ser que o abandonara. Tanto fizera por ela e, afinal, era êste o pago.

Vencido, sentindo a terrível sensação de ter recebido uma pancada brusca na cabeça, cambaleante, deixou-se caír num «maple». O vidro da grande estante fronteira reflectia o seu rosto. Não era feio não senhor, um perfeito homem, já pela cara se notava que era alguém que vivia desafogadamente, que podia! Qual seria a vantagem física que o Cesar de Sá lhe levava para assim, de um momento para o outro, lhe destruir a existência? E ela, porque não fôra franca? Se lhe faltava alguma coisa, pedisse. Êle sempre lhe satisfizera todos os caprichos. Falara-lhe no colar pouco tempo antes, êle logo tratou de o encomendar, e ali estava, acabadinho de chegar. Dava-lhe tudo, sim, só não podia, evidentemente, dar-lhe um romancista para uso particular.

A onda de desgôsto que a ingratidão causa alagava-o. Ingrata! E êle que fizera tudo por ela, tudo!...

Aquele «tudo» aumentava à medida que o repetia; incluía luxo, prazer, viagens, joias, carros, dinheiro... Êsse tudo, na realidade, fazia um todo poderoso.

Mas eis que, saltando por cima dos seus fortes argumentos, a consciência lhe gritou: «Detem-te. Já que estás a fazer balanço, sê honesto. Uma vez não fica mal a ninguém.» Chamado à realidade por essa voz interior, êle ponderou: «Ter-lhe-ia, na verdade, dado tudo, a essa mulher que conhecera quási criança ainda?» O desejo de se justificar perante essa voz implacável obrigou-o a inventar argumentos, num grande desejo de defesa. «Com

... Os seus olhos voltaram a poisar na carta, nesse miserável papel...

certeza, dera-lhe tudo, até estima, até desejo. Ela apetecia-lhe como uma amante...» Mas, cada vez mais vibrante, a consciência indagou: «Deste-lhe tudo, tudo, tens a certeza?»

Êle gritou, para fazer calar a voz insistente: «Sim... sim... tudo.»

E logo lhe veio uma grande necessidade de agir. Aquilo não podia ser. A tia Angélica devia saber onde ela se encontrava, era urgente acabar depressa com aquela farsa, não tinha jeito para figura de romance e, principalmente, para aquela figura...

De um salto, como fera que acabassem de ferir, sentou-se à secretária, e, sem um segundo de hesitação, escreveu à tia Angélica um lacónico bilhete pedindo-lhe que fizesse chegar a carta junta às mãos da sobrinha. Ela sabia com certeza onde ela estava. Se queria evitar um escândalo, uma tragédia, talvez, não se negasse a ajudá-lo, senão...

Insinuou a ameaça, num velho hábito. Aquilo estava-lhe no sangue...

Depois, pegou de novo na pena e escreveu com mão firme:

«Rosa Maria:

«Recuso-me a acreditar o que diz a tia Angélica. Não é possível que uma mulher falte aos seus mais sagrados deveres para com a sociedade, para com o marido, para com a honra, e corra para junto do primeiro fazedor de histórias que soube dar-lhe volta ao miolo. É incrível que a razão não te diga a impossibilidade de levares a cabo essa loucura. Vem imediatamente, exijo-o com a minha autoridade de marido que insiste em não querer considerar-te culpada. Repara no escândalo que isto faria. Por ti e por mim, não é conveniente».

«É possível que, para te reconquistar, devesse falar-te outra linguagem, mas eu não sou homem de letras. Aquelas com que lido, são apenas as que têm servido para te dar o luxo que adoras e que um dia, utilizei também para arrancar teu pai à falência. E depois, tu faltas-me aqui em casa, preciso de ti. Sinto que poderia dizer-te mais, mas a verdade é que nunca julguei ter que te dizer tanto. E isto basta: quero que venhas. Não sou homem para consentir que outro possa arrancar-te do meu lado. E também não sou pessoa que aceite o ridículo de um divórcio tendo por causa... um romancista. Além disso, Rosa Maria, não posso perceber o que tem êsse homem para te deslumbrar. Mas tudo isto são palavras inúteis, basta que saibas que exijo a tua presença imediatamente em Lisboa.

Manuel.»

Na volta do correio, Manuel Maria da Silva recebeu, como resposta, êste lacónico bilhete de sua mulher:

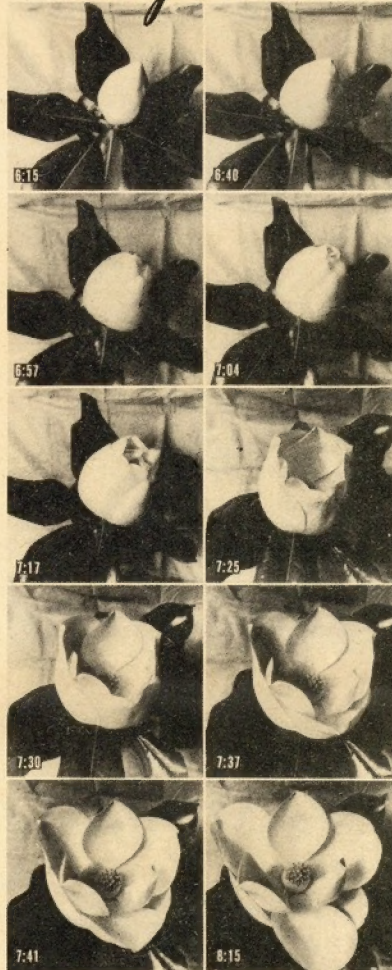
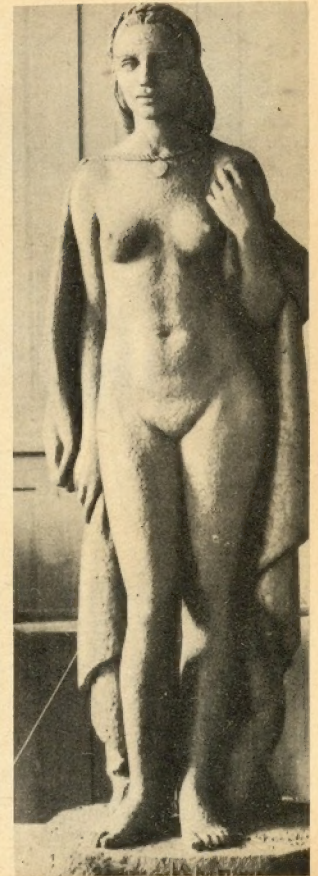
«O que êsse homem tem para me dar, é bem pouco, como verás: amor:

Rosa Maria.»

O banqueiro leu num relancear de olhos aquele papel que queria talvez ser um insulto e sorriu. Amor? Bem, se era só isso, o caso não tinha importância. O amor é um mísero cheque sem cobertura!

Depois, enquanto metia no cofre o colar de pérolas que jazia ainda, como objecto sem valor, em cima da secretária, repetia entre dentes, fazendo funcionar o segrêdo, um sorriso escarninho a brincar-lhe nos lábios grossos:

— O amor... é cheque sem cobertura. Esperemos.

Duas horas da vida duma Magnólia

Êste conjunto de fotos representa o «récord» de perfeição e de paciência alcançado por um fotógrafo americano. Com pequenos intervalos — entre as 6 e 15 e as 8 e 15 da manhã — êle conseguiu fotografar o desabrochar duma magnólia, o movimento das suas pétalas. As oito fotografias dão-nos bem a ideia da vida desta flôr durante duas horas — vida de que os nossos olhos mal se apercebem.

ESTÁTUA-REALIZAÇÃO de Francisco Xavier da Costa, aluno do Curso Superior de Escultura da Escola de Belas Artes do Pôrto, que obteve recentemente a 1.ª medalha na classificação final.

Vida MUNDIAL Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura

A camisa de seda

Por Stuart Carvalhais

— Isto é uma vergonha! Tem paciência, meu filho, mas não saio contigo se não comprares uma camisa de verão, uma camisa decente.

— Realmente, a minha mulher tem razão... Ora aqui está uma camisa que me parece muito decente. Vamos a isto?

— Esta camisa é de duração? Queria comprá-la, mas...

— Ora essa! É de tecido esplêndido e está muito bem cosida...

— Ó homem! Pois tu compraste uma camisa de sêda crua?!

— Crua? Ó filha, não percebes nada disto. O homem disse-me que estava muito bem cosida...

CHURCHILL
FALA AO MUNDO

Vida MUNDIAL Ilustrada

NESTA GUERRA MODERNA, em que as palavras caminham mais depressa que as tropas, os discursos dos chefes das nações em luta são ouvidos sempre com grande interêsse pelos povos de todo o Mundo. Depois da conferência do Atlântico, a ansiedade pelo discurso de Churchill era enorme «A minha entrevista com Roosevelt assinalará para sempre nas páginas da História o levantamento das nações de língua inglêsa» — afirmou êle. E o objectivo do encontro foi definido por estas palavras que reproduzimos dos telegramas dos jornais: «Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não partem agora do princípio de que não haverá outra guerra. Ao contrário, estamos dispostos a tomar precauções apropriadas para evitar que ela volte a dar-se em qualquer período.»